

**ANÁLISES HISTÓRICAS E MUSEOLÓGICAS NA TRADIÇÃO DA
MODELAGEM DO BARRO EM SANTANA DO SÃO FRANCISCO EM
SERGIPE E OS SEUS VALORES.**

Valdineide Maria da Silva¹

Resumo:

O presente estudo trata de analisar sobre os marcos históricos das discursões museológicas sobre o reconhecimento dos bens materiais e imateriais a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile e a criação do chamado Museu Integral no qual passa a integrar as dimensões sociais. E a partir disso refletir após esse evento histórico o início de outras discursões sobre o papel dos museus junto com a sociedade, ou seja, como os museus passaram a interagir junto com a sociedade a fora, e a democratização das instituições museológicas. E com isso foi possível observar através desse estudo a valorização dos saberes tradicionais, como a modelagem e transformação do barro na cidade de Santana do São Francisco em Sergipe, que é um saber tradicional passado por gerações no local, que assim como outros saberes, que foram hierarquizados, desqualificado e sem valor entre as diferentes culturas desde a colonização de países como os da América Latina, que viveram durante décadas governados sob regimes militares, atualmente tem dado início e preocupado os intelectuais sobre a preservação dos bens. E através deste estudo buscou entender como se democratiza os museus para o indivíduo e para a sociedade desde as declarações museológicas.

Palavras- Chave: Museus; Saber fazer; Sociedade

¹ Graduada em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (2012). Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Alagoas (2019).

Abstract:

This study aims to analyze the historical milestones of the museological discourses on the recognition of material and immaterial goods from the Round Table of Santiago de Chile and the creation of the so-called Integral Museum in which the social dimensions are integrated. And from this reflect after this historical event the beginning of other discourses on the role of museums together with society, that is, how museums began to interact together with society outside, and the democratization of museological institutions. And with this it was possible to observe through this study the appreciation of traditional knowledge, such as modeling and transformation of clay in the city of Santana do São Francisco in Sergipe, which is a traditional knowledge passed by generations in the place, which as well as other knowledge, which They have been hierarchized, disqualified, and worthless among different cultures since the colonization of countries such as Latin America, who lived for decades under military rule, have now begun and worried intellectuals about the preservation of property. And through this study sought to understand how to democratize museums for the individual and society since the museum statements.

KEYWORD: Museums; Know how to do; Society

INTRODUÇÃO:

Este estudo trata de analisar o modo de fazer artesanato de barro realizado pelos moradores que exercem o ofício de artesãos na Cidade de Santana do São Francisco em Sergipe, desenvolvendo o trabalho na fabricação de artesanatos, no qual há outros significados tanto para os artesãos que os modelam, e outros significados para os consumidores e com isso fazer uma análise histórica sobre a preocupação com o reconhecimento, educação e preservação com o patrimônio material e imaterial.

E é através desses significados para analisá-los com os produtores e consumidores que busca-se qual o valor do artesanato na contemporaneidade que se desenvolve o trabalho para entender o significado do artesanato de barro tanto para os artesãos que os produzem quanto para o consumidor que o compra em meio a globalização. E segundo Appadurai (2008), ao analisar Simmel (1978), conclui que o primeiro valor do objeto é valor econômico, o valor econômico para Simmel é uma quantidade definida de valor, que resulta na comensuração que assume a troca de sacrifício por ganho, de duas intensidades de demanda. (p.16).

Ao analisar o objeto percebe-se no entanto que o objeto não tem apenas um valor absoluto, pois ao ser adquirido lhes é atribuído uma demanda de valores, ou seja, o exemplo do artesanato ao ser comercializado quais serão as formas de utilizá-lo? E antes de tudo qual o valor foi dado ao ser modelado pelo artesão?

O presente estudo com a sociedade de Santana do São Francisco começou a ser desenvolvida com a pesquisa para o trabalho de conclusão do curso em Museologia na Universidade Federal de Sergipe e com o estágio Supervisionado no Museu do Homem Sergipano que atualmente se encontra fechado, e que havia pouca identificação sobre de quem eram os artesanatos expostos na sala de cultura popular do museu. E para

descobrir quem eram esses artesãos, foi possível através de fotografias das coleções dos artesanatos nos museus e com algumas das assinaturas contidas nos objetos, pesquisar na cidade conhecida como a cidade do artesanato e com os artesãos o reconhecimento de suas obras. Com isso no entanto por ser uma comunidade de artesãos que produzem o artesanatos modelados a mão, cultivando os saberes tradicionais milenares, surgiu a intenção de estudar através da Antropologia como ciência o indivíduo e a sua sociedade, e assim dá continuidade ao trabalho na região local e entender através das discursões museológicas a preocupação com os saberes tradicionais em regiões como essas que preservam as sua tradições .

O QUE FOI A MESA DE SANTIAGO DO CHILE?

Para se entender a democratização dos museus para o indivíduo e para a sociedade é preciso entender o que estava acontecendo nos países da América Latina nos anos 1970. Alguns países, assim como o Brasil, passavam por regimes ditatoriais com a finalização da Guerra Fria e a disputas ente os Estados Unidos, que liderava o bloco econômico capitalista, e a antiga União Soviética, que liderava o sistema comunista. Esta divisão geopolítica dividiu o mundo em áreas de influências econômicas e políticas, afetando diretamente os países da América Latina, ocasionando golpes de estados, em que os governantes eleitos pelo povo eram impedidos de exercer suas funções como chefia, no entanto a América Latina havia se tornado uma área do sistema Norte Americano.

Neste período, governado pelos militares, intelectuais como Carneiro (2010), observam que houve um crescimento das desigualdades sociais durante as três décadas. Nesse mesmo período Thomazini (2007), e Souza e Machado (1997), observa que os movimentos sociais eram impedidos de reivindicar seus direitos a dignidade enquanto indivíduos na sociedade.

Outros problemas museológicos sociais também podem ser notados durante o período do regime autoritário, como é possível observar no fragmento abaixo, retirado da Revista Cadernos de Sociomuseologia:

A América Latina vive um momento crucial de sua história. As esperanças que haviam desenvolvido com base nos modelos econômicos e tecnicista dos anos 70 sofreram um profundo fracasso, pois não correspondiam a sua realidade sócio-cultural existente. Devido às políticas de ajustes, que trouxeram consigo um empobrecimento generalizado, cujas consequências se prolongaram além da chamada “década perdida”. O nível de vida desceu sensivelmente: hoje, entre 46 e 60% de nossa população se encontra nos limites da pobreza crítica. A dívida externa da América Latina, que é superior a quarenta bilhões de dólares, implica que cada ano exportemos mais de 30 milhões de dólares, unicamente por seu serviço. Paradoxalmente, nos convertimos de receptores em puro exportadores de capital para os países desenvolvidos, o que torna mais profunda a nossa dependência. (247:1999).

Em 1972 foi realizado o debate conhecido como a “Mesa Redonda de Santiago do Chile” para discutir a indignação museal, o evento foi marcado por profundas transformações ocorridas no campo da museologia e o papel dos museus como agentes de inclusão cultural, de afirmação de identidades de grupos sociais, de reconhecimentos da diversidade e do desenvolvimento econômico

A Mesa Redonda de Santiago do Chile foi realizada a pedido da Unesco e organizada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), e com isso foi lançado o desafio de pensar o museu como uma instituição a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, incentivando uma maior participação destas instituições na formação da comunidade da qual os sujeitos fazem parte, e a partir daí surge um o documento resultante sustentando a ideia de Museu Integral, ou seja, que integre todas as dimensões sociais.

Autores como Scheiner (2012), chama a atenção de que, durante o evento em que participaram os profissionais de museus da América Latina, foi discutido o significado de Museu Integral, e que, a partir daquele momento, foi feita uma análise e criação dos museus da atualidade e sua contribuição para os planos educativos, desenvolvimentos sociais, e a discussão sobre políticas públicas na América Latina.

Após este marco histórico, em 1984 foi realizada a Declaração de Quebec na qual foi apresentada as bases da Nova Museologia, que tinha como objetivo inserir outras preocupações adotada pelos modelos alternativos de museus que surgiam em diferentes países: os ecomuseus, os museus comunitários, etc. Todos eles tinham em comum a preocupação com a preservação do patrimônio cultural e desenvolvimento social. E com isso passa-se a pensar nos museus além de fronteiras, ou seja, usar da “interdisciplinaridade do museu e da comunidade como uma forma de aproximação entre os povos [...] Através desse movimento, deseja-se manifestar de forma global as preocupações de ordem científica, cultural, social e econômica”. (Quebec, 1984:59).

A Declaração de Quebec surge como instrumento de valorização dos bens de natureza, do patrimônio, da cultura, (coleta, conservação, investigação científica, restituição e difusão, criação), que transforma em instrumentos adaptados a cada meio, além de fomentarem projetos específicos como os ecomuseus.

Em 1992 foi produzida a Declaração de Caracas com o objetivo de refletir a função dos museus no mundo contemporâneo e novamente reuniu profissionais dirigentes dos museus dos países latino-americanos, este evento mais uma vez foi idealizado pela UNESCO. O seminário tinha como objetivo dialogar para re discutir as funções dos museus, reunindo profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Teve como objetivo refletir sobre a relação entre os museus e seus contextos sociais, políticos, econômicos e ambientais. Sobre este evento, Constanca (1993) chama atenção de que foram problematizadas temas referentes ao

Mundo atual, como por exemplo, o desequilíbrio entre países, o desenvolvimento científico e tecnológico, a era das comunicações, o descalabro econômico dos países em via de desenvolvimento dos países em desenvolvimento, as questões da cultura e do ensino... E com isso os museus devem saber estar atentos a adqur-se e dá respostas”.(1993:127).

Nesse momento muitos dos países da América do Sul estavam em uma recente democracia, e enfrentado os problemas sociais resultado de anos de regime autoritário e abandono do estado de bem estar social com as populações locais.

A partir dessas discussões e dos documentos criados nesses eventos sobre o bem estar social, os museus passam a ter uma estratégia clara a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Sobre este ponto, Medeiros estaca que

“Os museus passam a ser sede de preocupações pertinentes de um presente/ realidade, onde os problemas ambientais de saúde pública, de analfabetismo, de nutrição, de gestão dos recursos naturais e tanto outros, irão constituir alvos privilegiados, norteadores da atuação/ intervenção dos museus”. (1993: 124).

Desde a colonização na America Latina houve a desqualificação dos saberes tradicionais das sociedades que aqui viviam, no caso os índios, e mais tarde com as populações africanas e através do eurocentrismo dos colonizadores. Eles tinham como tarefa desqualificar os seus conhecimentos impondo o modelo cultural eurocêntrico, nas sociedades que aqui viviam. Sobre este período, Carvalho destaca que

... a tarefa civilizatória passava por uma dupla intervenção desqualificadora: desacreditar os saberes e valores que eles praticavam para logo “re-humanizá-los” (à força, basicamente) através da imposição dos saberes e valores ocidentais dominantes.(2016).

Já no século XX, através dos intelectuais da elite branca houve a reflexão e a junção das culturas africanas e indígenas como parte integrante da formação brasileira. E através dos movimentos, discursos e reconhecimentos sobre os museus e a sociedade foi possível trazer as culturas indígenas e africanas para atuar nos museus, não só dentro da instituição como também seus saberes tradicionais.

É importante destacar que no Brasil também foram produzidas iniciativas importantes para estreitar laços entre os museus e as instituições que regulam o patrimônio cultural nacional, em prol de uma museologia social.

Como exemplo temos o inventário nacional de referências culturais, produzido pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural (IPHAN), no ano de 2002. Este material

apresenta uma metodologia sofisticada, em que através do compartilhamento de informações com as comunidades locais é possível um mapeamento mais preciso sobre elementos de importância culturais locais, passíveis de serem registrados ou tombados em nível federal.

Sobre o INRC, Fonseca (2000) observa que

O ato de apreender referências culturais pressupõe não apenas a captação de determinadas representações simbólicas, como também a elaboração de relações entre elas, e a construção de sistemas que falem daquele contexto cultural, no sentido de representa-lo.

Nesse sentido, a ideia de referências se torna uma alternativa não só para identificar o patrimônio que tenha um interesse prévio dos órgãos reguladores, mas também se apresenta como uma estratégia interessante para refletir a importância dada a determinados elementos culturais por seus atores locais.

O ARTESANADO COMO UMA REFERÊNCIA CULTURAL

A partir da Declaração de Quebec as populações das antigas colônias europeias foram integradas nas ações museológicas com a Nova Museologia, utilizando da interdisciplinaridade, com as sociedades, tendo os seus saberes tradicionais incluídos no conjunto de ações culturais dos museus.

No Brasil, por exemplo, os saberes tradicionais foram reconhecidos através do Decreto de nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que reconhece como bens imateriais os saberes das sociedades como bens passíveis de serem registrados como patrimônio cultural. A exemplo disso há a arte em barro modelada pelas mãos dos artesãos residentes na cidade de Santana do São Francisco em Sergipe.

Apresento agora alguns dados sobre esta produção de artesanato, tentando relacioná-los as discussões apresentadas anteriormente sobre as transformações no campo da museologia.

Nossa entrada na cidade de Santana do São Francisco se deu pelo rio São Francisco, nas margens da cidade de Penedo, no estado de Alagoas. Das margens da cidade de Penedo é possível avistar a cidade de Santana do São Francisco, na outra margem do rio. Chama atenção a intensa fumaça que emana das torres da olarias. Ao perguntar para um dos barqueiros sobre a produção de cerâmica local, ele observa que “a fumaça constante, uma marca da cidade”.

Inicialmente devemos destacar que os artesãos da cidade de Santana do São Francisco, ainda não estão ainda incluídos nos registros de reconhecimento como patrimônio mundial da UNESCO, e que também não constam nos registros do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional, responsável pela identificação e salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro.

Em contra partida, como já foi dito, eles são o que Fonseca (2000) chama de referência cultural para região, ou seja, os saberes ligados a prática do artesanato, e o modo como eles produzem o artesanato local são referências da cultura local, tanto para a cidade como as regiões em que ela se insere.

Chegando na cidade de Santana do São Francisco, é possível observar rapidamente que ela tem números elevados de produtores de cerâmica que desenvolvem o trabalho na fabricação de artesanatos. Olhando mais de perto para este grupo, é possível observar que a produção de artesanato tem diversos significados. Por exemplo, para os artesãos que pegam o barro e modelam em forma de elementos culturais locais; também para os consumidores, que os compram com um intuito de elevar uma parte da cidade para fazer parte de suas vidas.

Isto reforça a ideia central nas convenções que tratam do patrimônio musealizado, mas também do que tem sido produzido pelo IPHAN (FONSECA, 2000) de que há diversas formas de atribuir significado aos bens patrimonializados. A chave para entender estes significados está na ideia de referência, ou seja, o que determinado

elemento cultural traz de referência, identificação, para os diferentes grupos que interagem com o artesanato.

O povoado foi nomeado inicialmente em decorrência da abundância de uma planta rasteira chamada Carrapicho², que tem espinhozinhos que aderem a roupas e pêlos dos animais. Os portugueses Pedro Gomes (pai) e Belarmino Gomes (filho) foram os fundadores do Município. Eles montaram uma fazenda a margem do Rio São Francisco, onde plantavam arroz. Foi nessa fazenda que também que foi implantada a primeira cerâmica chamada Carrapicho, pois os proprietários da fazenda tinham empregados que com suas famílias trabalhavam na cerâmica produzindo peças de utensílios domésticos devido ao tipo de solo. Com o tempo, outros moradores foram chegando de municípios vizinhos e de Alagoas para agregarem-se ao processo artesanal.

Em 12 de maio de 1989 houve a movimentação para o desenvolvimento do anteprojeto concluindo o capítulo das Disposições Constitucionais, criando o Município de Santana do São Francisco, com sede no povoado Carrapicho, desmembrado do Município de Neópolis, através da Lei nº 1254, de 06 de abril de 1964, publicada no Diário Oficial de 14 de abril de 1964.³

Nesse sentido, é possível perceber que o artesanato está reconhecido institucionalmente, pelo poder político local: a própria cerâmica dá nome a cidade, ao mesmo tempo em que aparece como uma referência cultural para a população mais ampla, por exemplo, o barqueiro com o qual falamos em nosso primeiro contato com a cidade.

Um outro dado que nos chamou atenção durante a análise do artesanato de Santana do São Francisco é a transição deste saber tradicional para as novas gerações de artesãos.

Voltando nossas atenções mais especificamente para o artesanato que é produzido, apresentamos uma fotografia ilustrativa.

² Trata-se de uma herbácea ou arbusto perene, lenhoso, apresentando caule piloso o qual atinge até cerca de um metro e meio de comprimento, retos nas extremidades, com estípulas acuminadas, lanceoladas. Disponível em: <http://ervaseinsumos.blogspot.com/2009/03/carrapicho.html>. Acesso em: 15 jul. 2012.

³ Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/.../santanadosaofrancisco.pdf>.

Mercado de Maceió. **Artesão:** Anônimo

FONSECA, Cecília L. Referências Culturais: Bases para novas políticas de patrimônio. In: **Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)**. Brasília, 2000.



Fonte: Acervo pessoal Valdineide Silva, em 30/03/2011.

Esta imagem foi feita quando da produção do nosso trabalho de conclusão de curso, no ano de 2011. Apesar de ser uma foto antiga ela traz alguns elementos para refletir a produção do artesanato local como uma referência cultural da cidade.

A imagem representa uma referência cultural central no imaginário da população das cidades banhadas pelo Rio São Francisco, neste caso, de Santana do São Francisco: o pescador, ou barqueiro. Personagem responsável pelo início das trocas econômicas e pela colonização e exploração das cidades as margens do rio. Se outrora ele representava um ícone do intercâmbio entre diferentes cidades banhadas pelo rio, hoje ele representa o desgaste do rio, as transformações no rio, acompanhadas pelas transformações no saber fazer ribeirinho.

Nesse sentido, a prática da pescaria tem sido reduzida ao mesmo passo em que o rio tem se transformado pelas construções das hidrelétricas do Complexo Xingó, com a redução de sua capacidade hídrica. Os pescadores e barqueiro aparecem cada vez mais como uma referência cultural, nos termos de Fonseca (2000) ao passo de os barqueiros de outros tempos procuram outras atividades ligadas à exploração do rio São Francisco, ou ao comércio formal das cidades que por ele são banhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa, de entrevistas com os artesãos em suas olarias na cidade de Santana do São Francisco em Sergipe, e das fontes bibliográficas sobre as discursões históricas da democratização dos museus junto a sociedade, foi possível analisar que o primeiro valor que o artesanato recebe pelos seus produtores artesãos é o valor econômico para atender as demandas comerciais, porém são produzidos para uma utilidade pelos seus artesãos, e ao serem comercializados recebem outras utilidades. Com isso percebe-se através das análises das discursões no campo museológico como tem sido as preocupações e dificuldades desses autores e profissionais de museus para a criação de políticas públicas para o reconhecimento e valorização desses bens materiais e imateriais. Segundo Pinheiro (2010), ao se referir em seu trabalho sobre o discurso de patrimonialização do Frevo na cidade do Recife, sendo reconhecido como patrimônio imaterial, o autor deixa claro sobre esse reconhecimento que, assim como o frevo o reconhecimento de algum bem envolve interesses e disputas políticas que venham a beneficiar ambos os lados. Apesar que em alguns casos a população também pode reivindicar o reconhecimento do bem, mas ainda de acordo com o autor ainda não é uma tarefa fácil.

Em entrevista com os artesãos em suas olarias ao questioná-los sobre o que é o patrimônio imaterial e o registro dos bens, os entrevistados ainda não sabem o que é o significado dos seus saberes tradicionais estarem registrados no livro do tomo pois segundo Chagas (2003), que também desenvolveu em sua tese outro estudo da função dos objetos, cita o tema adotado pelo Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH) de Santa Cruz, fundado em 1983, o seguinte: “Um povo só preserva aquilo que ama. Um povo só ama aquilo que conhece” (p.34), é o caso dos artesanatos de Santana de São Francisco, em Sergipe que através do trabalho atual buscou-se entender com os seus artesãos que valor, função e identidade tem a produção de cerâmicas para eles. Com isso, esse estudo buscou obter novos conhecimentos junto com a sociedade e com a academia, e entender como tem sido a preocupação dos ^{profissionais} que trabalham com os museus a valorização dos saberes tradicionais e iniciar novas fontes ideológicas que

possam gerar novas idéias racionais de conhecimento pois segundo Rodrigues (2017), [...] É necessária uma forma de escrita que não fique restrita à explicação dos fatos, mas que promova outras leituras, outras reflexões (p.45), para que seja de relevância para a academia e para a comunidade dos artesãos de Santana do São Francisco os seus artesanatos tem sido divulgados no Blog que esta no site: <https://colecaocarrapicho.wordpress.com>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA:

A Mesa de Santiago do Chile. Disponível em:

<https://www.revistamuseu.com.br/.../3-1972-icom-mesa-redonda-de-santiago-do-chile>. Acesso em 03/ 03/2019.

APPADURAI, Arjun. **“A Vida Social das Coisas: As Mercadoria Sob Uma Perspectiva Cultural.** Ed. UFF. Nitéroi, Rio de Janeiro, 2008.

CHAGAS, Mário de Souza. **Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro.** Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2003. (Tese de Doutorado).

CARNEIRO, Ana. **Retrato da Repressão Política no Campo- Brasil 1962-1985:** Camponeses torturados, mortos e desaparecidos. Brasília, 2010.

CARVALHO, José Jorge de. **Conhecimentos tradicionais do Brasil e da America Latina:** uma agenda de resistência e criativa. Disponível em: www.principo.org/conhecimentos-tradicionais-no-brasil-e-na-amrica-latina-uma-ag.ht. Acesso em 05/ 03/ 2019.

FONSECA, Cecília L. Referências Culturais: Bases para novas políticas de patrimônio. In: **Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).** Brasília, 2000.

GODMAN, Marcio. **Alteridade e experiência:** antropologia e etnógrafia. *Etnográfica*, X (1). 2006, p.161-173.

MEDEIROS CONSTANCIA, João Paulo. **A evolução de conceitos entre as declarações de Santiago e Caracas.** In: *Cadernos de Museologia*. Nº 1, 1993.

PINHEIRO SARMETO, Luis Eduardo. **Patrimonialização das Culturas Populares:** Visões, Reinterpretações e transformações no contexto do frevo pernambucano. (Dissertação de Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2010.

RODRIGUES, Rafael de Oliveira. **Da Crônica de Viagem ao Objeto Museal:** notas sobre uma coleção etnográfica brasileira em Roma. (Tese de Doutorado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2017.

SOUZA, Cláudia Moraes de; MACHADO, Ana Claudia. In: IOKOI, Zilda Márcia G. (coord.). **IV História Temática Retrospectiva II grau: Movimentos Sociais no Brasil Contemporâneo.** 3ª ed. São Paulo; Loyola, 1997.

SHEINER, Teresa Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** v.7 , n.1, Jan/ Abril 2012. p.15-30.

THOMAZINI Dallago, Cleonilda S. Estado e Políticas Sociais no Brasil: Formas históricas de enfrentamento a pobreza. In: **III Jornada Internacional de Políticas Públicas.** Agosto 2007.